



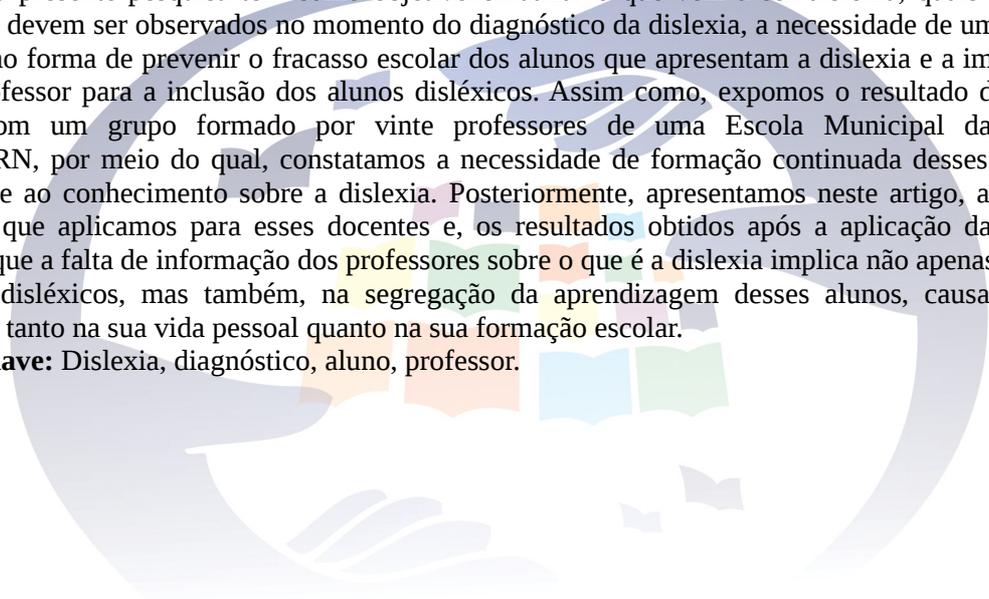
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DO FAZER DO PROFESSOR PARA INCLUSÃO DO ALUNO DISLÉXICO

Sonali Duarte Jerônimo¹; Fabíola Jerônimo Duarte²

UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹: sonaly_med@yahoo.com.br ; IFPB- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba²: fabiollla-mf@hotmail.com

Resumo: As dificuldades que atrapalham o processo de alfabetização de uma criança são várias, e podem ser de razões físicas, culturais, sociais, econômicas, pedagógicas e/ou emocionais. Contudo, não devemos negar que há também uma parcela de crianças que falha no processo de aprendizagem porque têm uma condição de ordem funcional, como é o caso dos disléxicos. E a dislexia é uma das dificuldades de aprendizagem mais comumente encontradas no ambiente escolar, e que na maioria dos casos passa despercebida aos olhos dos nossos educadores pela falta de entendimento sobre o que vem a ser essa dificuldade de aprendizagem, assim como, as consequências que a falta de metodologias adequadas para seu tratamento pode ocasionar. Com base nisso, a presente pesquisa tem como objetivo enfatizar o que vem a ser dislexia, quais os principais critérios que devem ser observados no momento do diagnóstico da dislexia, a necessidade de um diagnóstico precoce como forma de prevenir o fracasso escolar dos alunos que apresentam a dislexia e a importância do fazer do professor para a inclusão dos alunos disléxicos. Assim como, expomos o resultado de um estudo realizado com um grupo formado por vinte professores de uma Escola Municipal da Cidade de Montanhas/RN, por meio do qual, constatamos a necessidade de formação continuada desses docentes no que concerne ao conhecimento sobre a dislexia. Posteriormente, apresentamos neste artigo, a proposta de intervenção que aplicamos para esses docentes e, os resultados obtidos após a aplicação da intervenção demonstram que a falta de informação dos professores sobre o que é a dislexia implica não apenas na exclusão dos alunos disléxicos, mas também, na segregação da aprendizagem desses alunos, causando traumas irreparáveis, tanto na sua vida pessoal quanto na sua formação escolar.

Palavras-chave: Dislexia, diagnóstico, aluno, professor.



INTRODUÇÃO

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e uma das principais causas do fracasso escolar de muitas crianças, e a falta de informação sobre isso, tem contribuído para que a dislexia passe despercebida no meio escolar e familiar. Diante dessa realidade, o trabalho sobre este transtorno surgiu da necessidade de conhecer a dislexia e os seus aspectos gerais, bem como o diagnóstico e o seu tratamento. Assim como, da necessidade de compreender o que é a dislexia, as dificuldades que os professores têm em perceber esse transtorno nas crianças e a falta de informação dos docentes acerca da dislexia foram fatores que contribuíram de forma primordial para a escolha deste objeto de estudo e desenvolvimento da presente pesquisa, pois os educadores bem informados sobre essa dificuldade de aprendizagem, desenvolveram um olhar mais aguçado, capaz de perceber que o seu aluno apresenta alguma dificuldade de aprendizagem que está dificultando a aquisição ou desenvolvimento da leitura e da escrita, e essa dificuldade pode ser a dislexia, e mediante essa suspeita do educador, ele deverá buscar, junto com a escola e com os pais deste educando, ajuda para o diagnóstico correto da dislexia, haja vista que o professor não é o profissional capacitado para fazer o diagnóstico da dislexia.

É de extrema importância enfatizar que o diagnóstico da dislexia deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, é o que afirma (SCHAWARTZMAN, 2009, p.17):

O diagnóstico, que ocorre de forma excelente, eliminando outros problemas que possam causar dificuldade de aprendizagem, tem de ser realizado por uma equipe multidisciplinar, constituída por psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e neurologistas, pois o quanto antes a dislexia for diagnosticada mais cedo essa criança poderá ser tratada adequadamente, a fim de ser minimizar o problema, visto que a dislexia não tem cura.

Apesar das salas de aulas estarem lotadas e diante da falta de recursos para pesquisas, a dislexia precisa ser conhecida, pois muitos casos de dislexia passam despercebidos em nossas escolas, em vista disso, para trabalhar com a criança disléxica, o professor necessita ter conhecimento acerca da dislexia. Ele precisa saber o que é a dislexia, quais são as suas causas, os tipos de dislexia, a importância do diagnóstico precoce, bem como os tipos de intervenções pedagógicas que devem ser usadas neste caso, pois a dislexia não se manifesta da mesma maneira nem com a mesma intensidade em cada criança. As manifestações nos indivíduos são únicas, apesar de ser o mesmo transtorno. Portanto, a recuperação estará determinada pelas características de cada pessoa e pelo meio familiar e escolar a que pertence. O que está claro é que a base de uma boa recuperação é a detecção precoce, antes que a criança viva a experiência do fracasso.

Diante dessas considerações, pretendemos com nossa pesquisa propiciar embasamento teórico sobre esse transtorno e promover o conhecimento da dislexia, para que professores possam conhecer esse distúrbio e toda a sua complexidade, alertando-os sobre a importância de um diagnóstico precoce, para que se busque ajuda especializada a fim de superar as dificuldades causadas por essa dificuldade de aprendizagem, assim como, os professores possam, por meio do conhecimento sobre a dislexia, prevenir o fracasso escolar e a exclusão dos alunos disléxicos.

Para isso, apresentamos inicialmente em nosso trabalho, um breve panorama da descoberta da dislexia e posteriormente, um estudo que foi realizado com professores do ensino fundamental I de uma Escola Municipal da Cidade de Montanhas/RN. Após esse estudo, ao percebermos que os professores apresentavam um desconhecimento significativo sobre a dislexia, propomos uma intervenção sócioescolar para a formação continuada desses professores.

1. METODOLOGIA

Em nossa pesquisa utilizamos como procedimentos metodológicos, a aplicação de um questionário composto de seis questões, que foi aplicado com vinte professores, discutindo as seguintes questões:

- 1. Você conhece ou já ouviu falar sobre dislexia, mesmo que superficialmente? Caso afirmativo, responder as seguintes questões:**
- 2. Já teve alunos que tiveram essa dificuldade de aprendizagem?**
- 3. Como foi feito o diagnóstico?**
- 4. Ele teve atendimento diferenciado? Se teve, como foi?**
- 5. Este aluno progrediu?**
- 6. Você teve orientação pedagógica específica para trabalhar com alunos disléxicos ou ajuda da direção da escola e dos pais?**

Escola Municipal Profr. Pedro Duarte do Nascimento (nome fictício), que está localizada no bairro Cidade Nova, na cidade de Montanhas/RN. É uma instituição pública de porte médio, que foi criada em 15 de fevereiro de 1984. Atualmente contempla as modalidades de educação infantil e do ensino fundamental do 1º ao 5º ano, atendendo 389 alunos. Esta escola oferece os serviços em dois turnos de funcionamento: matutino e vespertino.

2. A DISLEXIA E SEUS ASPECTOS GERAIS

O estudo da dislexia, em sala de aula, tem como ponto de partida a compreensão, das quatro habilidades fundamentais da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. Destas, “a leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa, e a mais diretamente relacionada com a dificuldade específica de acesso ao código escrito denominada ‘dislexia’” (PINTO, 2003).

Sendo que “A dislexia é uma das dificuldades de aprendizagem mais comum nas salas de aula. A incidência está em torno de 2 a 5% da população, sendo mais comum no sexo masculino, de 25 a 49%”. (PADULA, 2011)

Estudos recentes realizados pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), mostram que a incidência de disléxicos no mundo atinge entre 10 e 15% da população. No entanto, os números não preocupam tanto quanto a desinformação. E isso gera uma grande preocupação, pois a criança com dislexia necessita de um olhar mais aguçado, que lhe possibilite a oportunidade de aprender mesmo diante das dificuldades provocadas por este transtorno.

3. BREVE HISTÓRICO E CONCEITOS SOBRE A DISLEXIA

O primeiro trabalho sobre dislexia foi citado em 1872 e foi identificada pela primeira vez por Berklan em 1881. Porém, o termo dislexia foi cunhado em 1887, por Rudolf Berlin, um oftalmologista de Stuttgart/Alemanha, que usou o termo para se referir a um jovem que apresentava grande dificuldade no aprendizado da leitura e da escrita ao mesmo tempo em que apresentava habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos.

No entanto, foi no ano de 1896 que ocorreram as primeiras descrições documentadas de dislexia. Essas descrições mostravam um caso de um menino inteligente de 14 anos que não conseguia aprender a ler apesar de uma instrução adequada e inúmeros esforços. Foi, então, que inicialmente, designaram essa dificuldade em aprender a ler de cegueira verbal.

E foi com base nesse caso, que o oftalmologista escocês James Hinshelwood, nas décadas de 1890 e início de 1900, publicou uma série de artigos nos jornais médicos descrevendo casos similares, entre eles uma monografia publicada em 1917 sobre Cegueira Verbal Congênita, caracterizada por uma deficiência no processamento verbal dos sons encontrados em pacientes com inteligência normal, mas que tinham dificuldades para aprender a ler e escrever.

Todavia, foi Samuel T. Orton (apud IAK, 2004) um dos primeiros pesquisadores a estudar a dislexia, um neurologista que trabalhou inicialmente com vítimas de traumatismos. Em 1925, Orton

conheceu o caso de um menino que não conseguia ler e que apresentava sintomas parecidos aos de algumas vítimas de traumatismo. Estudou as dificuldades de leitura e concluiu que havia uma síndrome não correlacionada a traumatismos neurológicos que provocava a dificuldade no aprendizado da leitura. Chamou essa condição por strephosymbolia (com o significado de ‘símbolos invertidos’) baseado na especial característica dos disléxicos de inverter as letras, sílabas ou palavras, para descrever sua teoria a respeito de indivíduos com dislexia. Este transtorno que é resumido por Alves (2011) “como sendo específico da aprendizagem da leitura comprovadamente de origem neurobiológica caracterizado pela dificuldade na habilidade de decodificação, soletração, fluência e interpretação”.

Portanto, notamos que esses estudiosos contribuíram de forma efetiva para compreendermos que as crianças disléxicas apresentam dificuldades na associação do som à letra (o princípio do alfabeto), um déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas, assim como, costumam trocar letras, por ex. **b** com **d**, ou mesmo escrevê-las na ordem inversa, por ex. “olob” para “bolo”. Conseqüentemente, quando pais e professores desconhecem isso, contribuem para o fracasso escolar do aluno, e em vista disso, a escola deve estar preparada e os docentes capacitados para receber e ajudar estes discentes disléxicos a desenvolver suas potencialidades, pois, segundo Luczynski (2002, p. 88),

“Um bom professor pode transformar a vida de uma criança. Com idêntico conteúdo de força, o mal profissional, o professor incompetente e insensível, pode destruir todas as possibilidades na vida de uma criança disléxica. Acréscimo de dificuldade que pode trazer o desencontro e o desencanto, desequilíbrio e desengano, em sua mente ainda infantil que poderão gerar graves problemas emocionais e sociais”.

4. TIPOS, CARACTERÍSTICAS E CAUSAS DOS DISLÉXICOS EM ESPAÇO DIFERENTE

Cada disléxico apresentam características peculiares, mesmo se tratando de único quadro patológico. Segundo Condemarin e Blomquist (1989, p. 20), a característica mais marcante do disléxico, seu sintoma mais notório, “é a acumulação e persistência de seus erros ao ler e escrever”.

É na alfabetização que se torna mais notórios os sinais de que o aluno é disléxico; pois é nesse período que tem início o processo de aquisição da leitura e da escrita. E para Ianhez (2002, p. 78) estes são sinais importantes de dislexia na idade escolar:

- ✓ Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita;
- ✓ Trocas ortográficas ocorrem, mas dependem do tipo de dislexia;

- ✓ Problema para reconhecer rimas e alterações (fonemas repetidos em uma frase);
- ✓ Desatenção e dispersão;
- ✓ Desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita;
- ✓ Melhores resultados, nas avaliações orais, do que nas escritas;
- ✓ Dificuldade de coordenação motora fina (para escrever, desenhar e pintar) e grossa (é descoordenada);
- ✓ Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro;
- ✓ Problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica);
- ✓ Dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples, sentenças vagas;
- ✓ Dificuldade em manusear mapas e dicionários;
- ✓ Esquecimento de palavras;
- ✓ Problemas de conduta: retração, timidez, excessiva e depressão;
- ✓ Desinteresse ou negação da necessidade de ler;
- ✓ Leitura demorada, silabadas e com erros. Esquecimento de tudo o que lê;
- ✓ Salta linhas durante a leitura, acompanha a linha de leitura com o dedo;
- ✓ Dificuldade em matemática, desenho geométrico e em decorar seqüências;
- ✓ Desnível entre o que ouve e o que lê. Aproveita o que ouve, mas não o que lê;
- ✓ Demora demasiado tempo na realização dos trabalhos de casa;
- ✓ Não gosta de ir à escola;
- ✓ Apresenta “picos de aprendizagem”, nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos e noutra, parece ter esquecido o que tinha aprendido anteriormente;
- ✓ Pode evidenciar capacidade acima da média em áreas com: desenho, pintura, música, teatro, esporte, etc.

A característica mais marcante do disléxico, seu sintoma mais notório, é a acumulação e persistência de seus erros ao ler e escrever. A análise qualitativa da leitura oral de um disléxico revelará alguma ou várias das seguintes dificuldades, segundo Condemarin (1989, p. 132):

- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: a-o; c-o; e-c; f-t; h-n; i-j; m-n; v-u; etc;
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b-d; b-p; b-q; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e;
- Confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e cujos sons são acusticamente próximos: d-t; j-x; c-g; m-b; m-b-p; v-f;
- Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-pla;
- Substituição de palavras por outras de estrutura mais ou menos similar ou criação de palavras, porém com diferente significado: soltou/salvou; era/ficava;
- Contaminações de sons;
- Adições ou omissões de sons, sílabas ou palavras: famoso substituído por fama; casa por casaco;
- Repetições de sílabas, palavras ou frases;
- Pular uma linha, retroceder para linha anterior e perder a linha ao ler;
- Excessivas fixações do olho na linha;
- Soletração defeituosa: reconhece letras isoladamente, porém sem poder organizar a palavra como um todo, ou então lê a palavra sílaba por sílaba, ou ainda lê o texto “palavra por palavra”;
- Problemas com a compreensão;
- Leitura e escrita em espelho em casos excepcionais;

- Em geral, as dificuldades do disléxico no reconhecimento das palavras obrigam-no a realizar uma leitura hiperanalítica e decifratória. Como dedica o esforço à tarefa de decifrar o material, diminuem significativamente a velocidade e a compreensão necessárias para a leitura normal.

Quando os disléxicos fazem a leitura silenciosa, realizam uma leitura subvocal, isto é murmuram ou movem os lábios, pois precisam pronunciar as palavras para compreendê-las, por isso leem mais lentamente.

As características descritas na leitura dos disléxicos frequentemente se acompanham de outras perturbações que alteram a aprendizagem, tais como:

- Alterações na memória imediata;
- Alterações na memória de séries e sequências (ex: dias da semana, meses do ano e o alfabeto);
- Orientação espacial direita-esquerda;
- Linguagem escrita;
- Dificuldades em matemática.

Junto com essas características, os disléxicos também trazem consigo problemas emocionais que prejudicam a sua aprendizagem e que contribui para o fracasso escolar, o que causam sinais de pavor noturno, enurese, agressividade, tristeza, pessimismo etc, ao ingressarem na escola. No entanto, nunca é tarde para ensinar disléxico a ler e a processar informações com mais eficiência. Entretanto, diferente da fala - que qualquer criança acaba adquirindo - a leitura precisa ser ensinada, e utilizando metodologias adequadas de tratamento e com muita atenção e carinho, a dislexia pode ser superada. Porém, devemos ser conscientes de que as dislexias mais severas, podem apresentar resultados positivos, mas em longo prazo, pois a criança levará um longo tempo para alfabetizar-se, e dificilmente superará as dificuldades escolares.

Nos casos de diagnóstico tardio, quando as crianças conseguiram alfabetizar-se com muita dificuldade, o atendimento psicopedagógico torna-se necessário para trabalhar questões que ainda foram elaboradas por ela, como produção de textos, a escrita, o prazer pela leitura, sua autoestima, entre outras.

5. INTERVENÇÃO SÓCIOESCOLAR – A DISLEXIA E O FAZER DO PROFESSOR

A falta de informação a respeito da dislexia contribui para que a essa dificuldade de aprendizagem passe despercebida aos olhos dos educadores e, por isso, é necessário que os docentes busquem entender a dislexia, e principalmente, se capacitem para que seja possível desenvolverem um trabalho eficaz na perspectiva que seus discentes disléxicos superem os efeitos causados por esse distúrbio. Compreendendo que a falta desse conhecimento leva os alunos que têm um jeito diferente, que necessitam de atenção e de metodologias diferenciadas são obrigados, muitas vezes, a abandonarem as salas de aulas por serem motivo de bagunça ou críticas dos colegas.

E, diante disso, os professores precisam ter um olhar mais aguçado no momento de fazer um diagnóstico dessa dificuldade de aprendizagem, pois a avaliação e o diagnóstico dos alunos devem ser feito ao logo dos primeiros dias de aula, para que seja possível identificar, através da sondagem, as capacidades psicomotoras e intelectuais daquele público alvo no início do curso. Nesse sentido, Drouet (2006) “esclarece que este primeiro mês de aula deve servir para que o professor conheça o aluno e saiba qual método poderá usar para obter um bom desempenho em suas aulas e para que o portador de algum distúrbio não sofra tanto”.

Mediante os resultados obtidos e as peculiaridades e necessidades individuais dos alunos, o professor definirá os tipos de atividades a que os educandos deverão ser submetidos para que seja atingido um bom nível de aprendizagem. Ademais, quando o educador adota essa postura, ele terá como oferecer cuidados específicos, não apenas aos disléxicos, mas também a qualquer aluno portador de alguma dificuldade de aprendizagem. No entanto, o educando disléxico não é para ser visto como um problema e sim como um desafio, cuja recompensa do professor é a superação das dificuldades e o desenvolvimento da aprendizagem desse aluno.

Diante disso, o papel do professor ao assumir essa postura perante o discente com dislexia que irá determinar o sucesso ou o fracasso da intervenção multidisciplinar que deverá, obrigatoriamente, acontecer assim que seja confirmado o diagnóstico. Antes de atribuir toda e qualquer dificuldade de leitura e escrita à dislexia, o docente e a família devem descartar uma série de evidências e procurar um parecer clínico. É preciso, cada vez mais, a utilização de abordagens na prática diária do educador baseadas em evidência científica para melhor atendimento dos disléxicos e obtenção de sucesso no tratamento. E isso implica a conscientização do professor e de toda a comunidade escolar de que o disléxico não é um incapaz, que possui muita capacidade e

inteligência, para que se consiga desmistificar o rótulo associativo de dislexia e incapacidade de aprender.

Então, diante dessas colocações, explicitamos nessa pesquisa a intervenção socioescolar que aplicamos na Escola Municipal Prof. Pedro Duarte do Nascimento (nome fictício), na busca de preparar os professores para identificarem a dislexia e intervirem dentro da sala de aula sobre os seus alunos disléxicos, especialmente na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental I. Essa intervenção socioescolar foi planejada mediante algumas observações, e foi dividida em etapas para melhor desenvolvimento das atividades.

Na primeira etapa foi realizada uma entrevista com a diretora e as supervisoras da Escola, e nesse entrevista, indagamos às duas se ambas conhecem uma dificuldade de aprendizagem chamada dislexia e se naquela escola existia algum aluno disléxico. E com base nas respostas, as entrevistadas afirmaram que sim, elas já ouviram falar sobre esta dificuldade, porém de forma superficial. A dessa resposta, a gestora enfatizou que havia um aluno que veio transferido da cidade de São Paulo/SP com um diagnóstico médico de dislexia.

Mediante estas repostas foi questionado a elas se os professores tinham conhecimento sobre dislexia e se as metodologias adotadas por eles para trabalhar com esse aluno eram as mesmas usadas com os outros discentes ditos normais. Elas afirmaram que os professores trabalhavam com ele da mesma forma que trabalhava com os outros.

Na segunda etapa foi elaborado um questionário para que os professores daquela escola respondessem. Ao aplicarmos esse questionário, inicialmente nos deparamos com uma situação preocupante, pois de todos os 20 professores entrevistados, notamos que 90% desses docentes nunca ouviram falar em dislexia, e que, mesmo de forma superficial, apenas 10% desse grupo de professores, tinham conhecimento sobre essa dificuldade de aprendizagem. E na continuação das respostas dos professores, notamos na segunda pergunta que apenas um 1% dos entrevistados afirmaram que já tiveram alunos disléxicos. E com base nesses dados, notamos que são poucos os professores que conhecem a dislexia, não por ter alunos disléxicos, mas por buscar conhecer mais uma das principais causas da exclusão dos alunos e da segregação do conhecimento.

Na terceira pergunta todos foram unânimes em afirmarem que desconhecia como e quem tinha feito o diagnóstico destes alunos, pois quando havia um educando disléxico a supervisão da escola apenas informa a eles que tão discente tinha dislexia e nada mais. Na quarta pergunta todos responderam que não, na quinta pergunta todos disseram que os alunos disléxicos não progrediram

e eles se questionavam o porquê. E na última questão todos também responderam que não receberam de ninguém nenhuma orientação pedagógica específica para trabalhar com esses alunos.

Mediante a análise dos dados obtidos através das respostas do questionário, foi constatado que a maioria dos docentes desta escola não conhece a dislexia e que os que conhecem e, que possui ou já possuíram alunos disléxicos, não sabem como trabalhar com eles, nem tampouco sabem identificar os aspectos gerais desta dificuldade de aprendizagem.

A partir desta análise, foi desenvolvida a terceira etapa desta intervenção socioescolar, onde foi elaborado um projeto didático-pedagógico e apresentado para a direção e supervisão da escola, no qual foi proposto uma formação continuada para os educadores daquela instituição escolar.

Para essa formação continuada foi proposto uma palestra com o objetivo de promover o conhecimento da dislexia e os seus aspectos relevantes, bem como traçar estratégias de intervenção didático-pedagógica para o trabalho com alunos disléxicos.

A palestra aconteceu na própria escola e foi desenvolvida adotando as metodologias de exposição do tema de forma oral (servindo-se de apoios visuais, power-point e vídeos que abordam a temática), discussão de textos científicos sobre a dislexia e estudo de caso. Como forma de avaliação foi proposto, no final da palestra, que os professores respondessem (de forma anônima se preferisse) a algumas perguntas tais como: o que eles acharam com relação à forma como foi abordado o tema, a metodologia usada pela palestrante, se aquela palestra contribuiu para a melhoria de sua prática pedagógica e para a divulgação da dislexia, bem como perguntas voltadas para os aspectos gerais deste distúrbio e um comentário geral.

As respostas dos educadores foram depositadas em uma caixa que foi posta no centro da sala. Após lida todas as respostas, notamos que a intervenção teve um resultado positivo, pois além de expor a esses docentes a importância do conhecimento sobre a dislexia, eles também aprenderam a necessidade de um diagnóstico precoce para a prevenção do fracasso escolar dos alunos disléxicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades que atrapalham o processo de alfabetização de uma criança são várias, e podem ser de razões físicas, culturais, sociais, econômicas, pedagógicas e/ou emocionais. Contudo, não devemos negar que há também uma parcela de crianças que falha no processo de aprendizagem porque tem uma condição de ordem funcional, como é o caso dos disléxicos.

É significativo o número de crianças que sofrem com dificuldades de aprendizagem nas salas de aula do nosso Brasil e do mundo. E a dislexia é uma das dificuldades mais comuns

encontrada no ambiente escolar e que na maioria dos casos passam despercebidos aos olhos dos nossos educadores. Por isso, é de extrema importância que tanto para os profissionais da área da saúde quanto os da educação estejam continuamente atentos às novas descobertas, sempre com um olhar crítico e pautado em conhecimento científico. (ALVES, 2011)

E a identificação precoce, a parceria com a família e acompanhamento clínico e educacional desde os primeiros anos de escolarização são de extrema relevância para que os discentes disléxicos possam permanecer na escola e vençam as dificuldades causadas por este distúrbio.

Diante disso, no desenvolvimento de um trabalho sobre dislexia, foi possível conhecer este transtorno e seus aspectos gerais e verificar que é notório que a falta de informação a cerca desta dificuldade de aprendizagem tem contribuído não só para o descaso, como também para o fracasso escolar e o sofrimento emocional dos disléxicos. Por isso, é preciso que professores e pais tenham paciência com o disléxico, pois devemos lembrar também, que as pessoas são diferentes e que é necessário que saibamos respeitar as aptidões de cada um. Não podemos olhar a criança com dislexia de uma forma discriminatória, pois como afirma Bill Cosby (um disléxico): “Padronização é para as fábricas, não para as escolas, algum erro muito grave ocorre, sempre que uma criança é tratada como se fosse refugio de fábricas”.

A partir do momento em que os professores adquirirem conhecimento sobre a dislexia, é obrigação de eles incluir o aluno disléxico auxiliando-o dentro da sala de aula e da escola, já que o importante é sempre lembrar deste aluno e não deixá-lo de lado; é preciso investir nele como aluno, como pessoa e como cidadão, pois o educando disléxico tem inteligência normal ou acima da normalidade; entretanto, a capacidade de aprendizagem é limitada apenas pelo método adotado para instruí-lo.

Consequentemente, a escola, junto com a família do aluno disléxico devem buscar meios que facilitem a aprendizagem dele. Todavia, é preciso adotar estratégias que potencializem as habilidades e contribuída para o seu desenvolvimento intelectual. Desta forma, o trabalho torna-se mais eficiente, enfatizando os aspectos referentes à construção do conhecimento e à aquisição de novos comportamentos e atitudes. Lembrando sempre que, para obter resultados positivos, é preciso que compreendamos com profundidade a dislexia e seus aspectos gerais. A importância do diagnóstico precoce, o reconhecimento de sinais e sintomas inerentes a esse problema e a intervenção pedagógica são fatores que ajudaram na construção de informações que fazem com que os disléxicos não sejam vistos como manipuladores, incompetentes ou preguiçosos, que procuram apenas uma saída mais fácil e sim, estudantes que necessitam de um trabalho específico, pois se

uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender.

O nosso desejo é que o diagnóstico precoce aconteça o mais rápido possível, que uma abordagem preventiva seja realizada, e assim, a criança disléxica possa crescer mais feliz, aprendendo a lidar com as dificuldades que encontrará ao longo de sua vida, tendo consciência de que não será uma caminhada fácil, mas que também poderá chegar a superá-las, e se desejar poderá alcançar todos os seus objetivos profissionais e pessoais.

Não é admissível ver um professor desistir de ser mediador do seu aluno, no processo de aquisição do conhecimento, só porque o discente tem alguma dificuldade de aprendizagem. Jamais o docente deve desistir de ajudar o seu educando a superar as suas limitações, ele precisa incentivá-lo a vencer os desafios que iram surgir em seu caminho, pois o conhecimento é um direito do educando, dever do estado e só depende da vontade do professor.

É preciso que cada vez mais os educadores se dediquem ao estudo, não somente, da dislexia, mas também de todas as dificuldades de aprendizagem e, se empenhe na busca de formação especializada, com o intuito de uma intervenção adequada dentro da sala de aula, objetivando a inclusão destes alunos no ambiente escolar e social.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciana Medonça et. al. Introdução à dislexia do desenvolvimento. In: ALVES, L. M. ASSOCIAÇÃO, Nacional de Dislexia (ANB). **Dislexia**. Disponível em: www.andislexia.org.br. Acesso em: 14 fev.2012.
- CONDERMARIM, M.; Marlys, BLOMQUIST. **Dislexia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- DROUET, R. C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.
- GORMAN, Chirtine . A Dislexia: o que é? Causas, Sinais e Cura. Disponível em: [HTTP://www.10emtudo.com.br/artigos1.asp?codigoartiga=69](http://www.10emtudo.com.br/artigos1.asp?codigoartiga=69). Acesso em: 13 fev. 2012.
- IAK, Fátima Ali Zahra. **Um estudo sobre os sentidos atribuídos ao aprender por pessoas com dislexia**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Marcos, São Paulo, 2004.
- IANHEZ, Maria e Nico, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece como enfrentar a Dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Alegro, 2002.
- LUCZYNSKI, Zeneide Bittencourt. **Dislexia: você sabe o que é?** Curitiba: [s.n.], 2002.
- PADULA, Niura Aparecida de Moura Ribeiro. **Dislexia e comorbidades na infância e na adolescência**. In: ALVES, L. M. MOUSINHO, R. CAPELLINI, S. A. Dislexia: novos temas, novas perspectivas. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

PINTO, Maria da Graça Lisboa. Para uma melhor identificação da dislexia e da disortografia. **Revista Línguas e Literaturas**, Porto (Portugal), II Série, v. III, p. 69-94.

SCHWARTZMAN, S. **Diagnóstico**. Entrevista com Drauzio Varella. Disponível em: <<http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/dislexia//2.asp>> Acesso em: 15 fev. 2012.